



UNIDADE I e D
Linguagem, Interpretação e Filosofia



ENCONTRO NACIONAL DE FILOSOFIA ANALÍTICA

coordenação de
HENRIQUE JALES RIBEIRO

FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 2003

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
LINGUAGEM, INTERPRETAÇÃO E FILOSOFIA



coordenação
HENRIQUE JALES RIBEIRO

FACULDADE DE LETRAS
COIMBRA | 2003

ÍNDICE GERAL

APRESENTAÇÃO	7
ADÉLIO MELO - Michel Foucault: um filósofo desconhecido da filosofia analítica	13
ADRIANA SILVA GRAÇA - Níveis de compreensão de termos para espécies naturais	23
AIRES ALMEIDA - Teorias essencialistas da arte	33
ALFREDO DINIS - Ética naturalizada: cem anos depois dos <i>Principia Ethica</i> de G. E. Moore	43
ANDRÉ ABATH - O que há de errado com a teoria do pensamento de Davidson	57
ANTÓNIO BRANCO - Anaphora Dualities and the Semantics of Nominals	67
ANTÓNIO MARQUES - De que falamos quando falamos da autoridade da 1ª pessoa?	81
CARMO D'OREY - Arte: simbolização, interpretação e conhecimento	99
CÉLIA TEIXEIRA - O conhecimento da lógica e a teoria da definição implícita	117
DESIDÉRIO MURCHO - O que é a necessidade metafísica?	127
FERNANDO JORGE FERREIRA - Emendando o <i>Grundgesetze der Arithmetik</i> de Frege	137
HENRIQUE JALES RIBEIRO - O mito da redução da matemática à lógica: cem anos depois de <i>Os Princípios da Matemática</i> (1903-2003)	143
JOÃO BRANQUINHO - Kripke contra o materialismo	157
JOÃO FONSECA - Reduccionismo e evolução científica: uma nova perspectiva	173
JOÃO SÁÀGUA - Notas sobre a arregimentação e a subestrutura pragmática da linguagem	185
JOSÉ MANUEL CURADO - Funções para os <i>qualia</i> : os argumentos modais de Reid	197
M. S. LOURENÇO — Structuralism	209
MARIA LUÍSA COUTO SOARES - Linguagem e pensamento em Frege	225
PEDRO GALVÃO - A justificação absolutista do duplo efeito	237
PEDRO SANTOS - Two bad arguments for the apartheid view on conditionals	247
PIETER SEUREN - Logic, language and thought	259
RICARDO SANTOS - Lições do argumento da funda	277
SOFIA MIGUÉNS - Teorias representacionais da consciência: F. Dretske <i>versus</i> Dennett	289
TERESA MARQUES - Liar Sentences and Soame's Rejection of Bivalence	303
VÍTOR MOURA - Composicionalidade, assimetrias e dualidade de funções	317

FUNÇÕES PARA OS *QUALIA*:
OS ARGUMENTOS MODAIS DE REID

José Manuel Curado

(Universidade Católica Portuguesa: Braga)

A análise que Reid¹ faz da estrutura da percepção do odor é típica e reitera-se muitas vezes a propósito de outros conteúdos fenoménicos. Afirma Reid que “é evidente que nem o órgão do cheiro, nem o meio, nem quaisquer movimentos que possamos conceber ... se assemelham minimamente à sensação de cheirar; nem poderia essa sensação de si mesma alguma vez nos ter levado a pensar em nervos, espíritos animais ou eflúvios” (II.i.26). Tudo o que a sensação é para o sujeito nada tem a ver com o que uma análise exterior do assunto consegue descrever. O inventário das faltas de semelhança entre sensações e mundo exterior é longo. A respeito do som, não existe “a mínima semelhança entre o som que ouvimos e a carruagem que imaginamos e acreditamos estar a passar” (II.vii.38). O calor nos objectos e a sensação subjectiva de calor parecem ser termos não susceptíveis de tradução mútua. Apesar de compartilharem o termo que indica ambos % ‘calor’, % são incomensuráveis. Reid desenvolve a análise da incomensurabilidade a um ponto absurdo: “não é menos absurdo supor uma semelhança entre a sensação e a qualidade, do que seria supor que a dor da gota se assemelha a um quadrado ou a um triângulo” (V.i.55). A incomensurabilidade entre as ideias claras das

¹As referências são feitas com base na edição crítica do *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*, ed. Derek R. Brookes (Edinburgh, Edinburgh University Press, 1997). Os números indicados entre parêntesis significam o capítulo, a secção e a página da edição crítica: II.ii.10. Todas as traduções são nossas. Este texto insere-se num projecto generosamente financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do II Quadro Comunitário de Apoio.

propriedades primárias (*sc.* dos corpos) e as ideias claras das propriedades secundárias (*sc.* dos corpos) é enfatizada muitas vezes.

O argumento é claro: para além das situações de incomensurabilidade ostensivamente indicadas, muitas outras poderiam ser propostas. Não há praticamente nenhuma página do *Inquiry* que não se alongue na descrição de uma das muitas formas da incomensurabilidade, que não testemunhe o hiato e que não realize o teatro do choque. Esta característica da estrutura da sensação consciente é glosada *ad nauseam*: “examinei-as uma a uma, e comparei-as com a matéria e as suas qualidades; e não consigo descobrir uma delas que confesse uma característica semelhante” (VI.vi.92).

Reid poderia até fazer uma aposta sobre o estado futuro do conhecimento do órgão do cheiro. A melhoria do conhecimento científico do órgão do cheiro e do cérebro em nada melhorará as nossas possibilidades de saber por que razão existem sensações subjectivas de cheiro, quando poderiam não existir, e por que razão existem as que existem e não outras. A aposta num conhecimento futuro mais desenvolvido é importante. Reid não a formula ostensivamente. Todavia, o modo como dispõe as partes do problema indica que a análise da mente que realiza poderia ser completada por uma aposta num conhecimento futuro mais perfeito. O sentido do argumento não é, apenas, o da impotência que uma melhoria significativa do conhecimento científico do órgão do cheiro não consegue afastar. O sentido é mais radical: mesmo que a ciência já tivesse alcançado *tudo* o conhecimento a respeito do olfacto, esse conhecimento seria inútil para justificar a presença da sensação subjectiva. A quantificação universal é o elemento principal deste argumento: *tudo* o conhecimento. Reid não se alonga na descrição do que é o esgotamento epistémico do objecto (*tudo* saber a respeito de algo); não precisa, também, de o fazer. O que, de facto, Reid faz é completar o argumento com outras peças. A estrutura que descobre na percepção do odor é a mesma que está presente nos outros sentidos. Aliás, o cheiro ocupa uma posição pouco relevante na tipologia que Reid utiliza da complexidade relativa dos sentidos. Assim, por ordem crescente de complexidade, ao olfacto, segue-se o gosto, a audição, o tacto e a visão. O que é válido na análise do cheiro, é válido *a fortiori* na análise das modalidades sensoriais mais importantes.

Reid une as várias análises parciais de cada sentido num argumento comum. Não apenas é ininteligível a conexão entre um corpo e a sensação que habitualmente lhe corresponde, como são ininteligíveis as situações

contrafactuais. O caso é reforçado num contexto amplo em que *todas* as sensações poderiam estar ligadas a objectos e a órgãos dos sentidos a que habitualmente não estão. Este modo de apresentar o problema atenua o elo já por si ténue entre sensação consciente e objecto e reforça a impressão da sua fragilidade.

A tese de Reid sobre a consciência fenoménica é clara. Assim, (1) só pela mediação das sensações é possível aceder ao mundo exterior; (2) os objectos são construções perceptivas; (3) as sensações subjectivas % a dureza, o som que é ouvido, e outras % não possuem semelhança com os hipotéticos correlatos a que estão associadas, como a coesão firme dos sólidos e a vibração de um corpo sonoro; (4) as conexões entre as sensações subjectivas e os hipotéticos correlatos não podem ser apreendidas de um modo racional; (5) os contrafactuais da percepção mostram a impotência da apreensão racional da conexão e a possibilidade de existirem *todas* as sensações subjectivas mesmo que não existam correlatos exteriores que estejam na sua origem e a possibilidade de os conteúdos fenoménicos cromáticos, sonoros, sápidos, odoríferos, tácteis, dolorosos, apazíveis, etc., serem trocados entre si e estarem ligados a diferentes sentidos ou até a nenhum sentido. O golpe de misericórdia à esperança remota de explicar por argumentos racionais a conexão entre consciência e mundo exterior é dado por cenários racionais plausíveis.

São quatro os cenários: “poderíamos talvez ter sido feitos de uma tal constituição, em que [*sc.* primeira situação contrafactual] teríamos as nossas percepções presentes conectadas a outras sensações. Poderíamos talvez ter tido [*sc.* segunda situação contrafactual] a percepção de objectos externos quer sem impressões sobre os órgãos da sensação, quer [*sc.* terceira situação contrafactual] sem sensações. Ou, por fim, [*sc.* quarta situação contrafactual] as percepções que temos poderiam ter sido imediatamente conectadas com as impressões sobre os nossos órgãos, sem qualquer intervenção da sensação” (VI.xxi.176).

Estas formulações aplicam-se a um indivíduo. Todavia, numa estratégia de argumentação habitual em Reid, o isolamento de um caso do problema (*uma* sensação, *um* sentido, *um* indivíduo) é rapidamente alargado a um contexto mais amplo. O choque é generalizado pela introdução de quantificadores universais: *todas* as sensações, *todos* os sentidos e *todos* os indivíduos. O que se passa com um indivíduo também se passa com a humanidade? Um hiato intransponível parece apartar as

mentes sem qualquer possibilidade de mediação racional. Reid introduz na análise a figura da constituição da humanidade de modo a identificar o problema num contexto mais vasto. O que é válido para o indivíduo, é válido para a humanidade. É verdade que esta é uma intuição não demonstrada. Como garantir que toda a humanidade possui as sensações que o autor do argumento possui? Apesar de ser uma intuição não demonstrada, Reid utiliza a amplificação do problema para explorar outros aspectos da incomensurabilidade. Com isso, uma deficiência de argumentação torna-se num ponto a favor da mesma.

A ignorância que o indivíduo tem da subjectividade dos outros indivíduos possui interesse em si mesma. A ignorância não é um facto totalmente negativo. Aceite-se, propõe Reid em benefício do argumento, que a ignorância que aparta os indivíduos entre si é geral. Se isso é assim, dois indivíduos podem estar um em relação ao outro como, antes de Reid, Locke havia descrito no famoso exemplo do espectro invertido. A proximidade do texto de Reid com o exemplo de Locke é grande; contudo, é rapidamente ultrapassada. O exemplo parcial de Locke é alargado a *todas* as sensações subjectivas: “é impossível saber se uma cor escarlate tem a mesma aparência para mim que a que teve para outro homem; e se as suas aparências a diferentes pessoas diferirem tanto quanto a cor em relação ao som, elas nunca poderão ser capazes de descobrir esta diferença” (VI.ii.80). Atente-se como é excessiva e hiperbólica a estratégia de Reid. Depois de propor a impossibilidade de um indivíduo apreender o ponto de vista subjectivo de outro indivíduo, Reid extrema o caso. O seu exemplo não é o de uma diferença *tolerável* entre os conteúdos fenoménicos: o que um indivíduo percebe como vermelho é percebido por outro como cor-de-rosa, cor-de-laranja ou verde; o que um percebe como amargo, outro percebe como doce, etc. A situação é extremada. A diferença entre os conteúdos fenoménicos pode ser tão abissal que o que é *cor* para um indivíduo é *som* para outro. A fronteira das modalidades sensoriais externas é transposta.

A impossibilidade de conhecer a experiência subjectiva de outro ser humano é utilizada a favor do argumento. Como não se descobre uma lei lógica que ligue a sensação subjectiva com os correlatos exteriores, nem uma lei natural que garanta a relação causal entre ambos, os conteúdos fenoménicos (os que são e os que poderiam com plausibilidade também ser) tornam-se ainda mais gratuitos ou desprovidos de função do que

mostraram ser na análise das sensações de um único indivíduo. Se toda a humanidade se encontra na situação do autor do diagnóstico, o problema é ainda mais difícil. As análises parciais que Reid faz sobre cada sentido e sobre cada modalidade da sensação consciente constituem um inquérito total à consciência humana. As perguntas sobre um determinado conteúdo fenoménico (a cor vermelha, por exemplo) podem ser feitas à consciência como conjunto de conteúdos fenoménicos.

Os argumentos em espiral de Reid organizam-se da parte do problema para o todo e do interior para o exterior. Do mesmo modo que contextualiza a situação de um único indivíduo no âmbito mais geral da constituição da humanidade, e a situação real em contextos contrafactuais, Reid toma o conjunto das sensações subjectivas tomadas parcialmente (cor, dor, som, etc.) como parte do assunto mais vasto da consciência pessoal. Possui a consciência no seu todo a mesma aparente ausência de função que cada sensação subjectiva? A deslocação do argumento das análises parciais de cada sentido para a consciência como todo obriga ao respeito de constrangimentos lógicos. Os sofismas do sorites, da composição e da generalização apressada são frequentes em deslocações deste tipo. Reid descreve a mente consciente considerada como um todo de um modo diferente de cada sensação. É a vénia que faz à diferença dos níveis do problema.

Reid compara a mente consciente a um drama teatral. É a cena pública de processos que não são visíveis nem compreendidos. A sequência temporal dos eventos mentais é muito clara: à impressão material sobre os órgãos receptores externos, segue-se a sensação; a integração de várias sensações produz a percepção consciente. A própria consciência tomada como um todo é em Reid uma pequena ponta visível de um icebergue muito grande. As propriedades da consciência como um todo permitem a generalização do resultado da análise de cada sentido e de cada conteúdo fenoménico. Porquê? Entre a consciência como um todo e um conteúdo fenoménico existe uma continuidade dada pelo processo perceptivo. Os resultados da análise são semelhantes nos três níveis.

Os contrafactuais do processo perceptivo são difíceis de descrever. Podemos pensar um mundo em que fôssemos seres com percepção mas em que essa percepção não estivesse acompanhada pela crença e pela evidência. O enunciado ‘vejo uma árvore’ ficaria fragilizado na interpretação ‘não é evidente nem deixa de ser evidente para mim que vejo

uma árvore'. Um hipotético ser que apenas possuísse esta interpretação parece possuir poucas hipóteses de sobrevivência. Se o termo 'árvore' for substituído pelo termo 'tigre dente-de-sabre', é mais intuitiva a compreensão da menor hipótese de sobrevivência. Quando se vê um dente-de-sabre, não é indiferente possuir ou não possuir evidência de que o dente-de-sabre está à nossa frente, e acreditar ou não acreditar que o dente-de-sabre existe como ser autónomo. A dupla qualificação que o sentimento de evidência e a crença exercem sobre o enunciado 'vejo um tigre dente-de-sabre' parece aumentar a celeridade de resposta e a determinação da acção. A evidência e a crença são propriedades da consciência. Reid mostra que as sensações só são conscientes quando acompanhadas por estas propriedades, embora possam ser pensadas na sua ausência.

O isolamento da situação excepcional do cego é utilizado como contraponto das situações perceptivas normais. O cego que recupera a visão parece que nada é capaz de inferir a partir das novas sensações conscientes de que é proprietário. O mundo está lá fora mas as novas sensações visuais não são ainda um guia. Este é o paradoxo que Locke e Reid procuram equacionar: a presença parece ser inútil; a ausência mostra o útil que as sensações conscientes são. O paradoxo das sensações ficou conhecido para a posteridade como o problema de Molineux. Reid reformula o problema de Molineux através da experiência mental de um cego que perde todas as noções que adquiriu através do tacto. Como consegue o cego recuperar o que perdeu, nomeadamente as experiências, hábitos e noções que adquiriu através do tacto? Reid introduz várias hipóteses: a sensação de dor não permite inferir a existência de qualquer objecto exterior porque a sensação provocada por um corpo chato é indiscernível da dor provocada por um tumor interno; as sensações de toques no corpo, em maiores ou menores extensões da sua superfície, não permitem inferir a partir delas a existência da extensão em objectos exteriores ao sujeito; um objecto passado ao longo da face ou do corpo também não pode justificar a existência externa do espaço ou do movimento; o movimento da cabeça ou da mão não permite inferir as noções de espaço ou de movimento. O resultado do conjunto destas negativas é o esperado. Cada sensação parece ser inútil e impotente em promover a crença na existência de objectos do mundo. O cego de Molineux não consegue a partir das sensações entretanto recuperadas distinguir entre uma esfera e um cubo; o cego de Reid não consegue

reconstituir a experiência que havia perdido do tacto a partir de sensações isoladas.

Como sair desta dificuldade? A concepção de propriedades de corpos exteriores é um problema semelhante ao problema da crença na existência de objectos exteriores. A solução para os dois problemas é a mesma: uma natureza providencial fez com que realidades tão incomensuráveis quanto os corpos exteriores e as sensações subjectivas se unissem na mente consciente. É essa natureza providencial que garante que a crença na existência de objectos exteriores é verdadeira e que, de facto, existem esses objectos independentemente da mente. O estatuto das sensações conscientes não está racionalmente esclarecido, pois, para Reid. Do seu ponto de vista, o problema de Molineux não tem solução.

Apesar de o tom geral do argumento ser negativo, Reid não se conforma com o choque causado pela incomensurabilidade e pela impotência racional em explicar a crença em objectos exteriores. A sensação que o cego de Molineux adquire ou as novas sensações que o cego que perdeu o tacto adquire são susceptíveis de transformação em outros meios? Existe algum (na falta de termo melhor) resíduo na sensação que seja absolutamente intraduzível em quaisquer outros termos? Se enfrentássemos uma situação normal, uma atenção mais fina sobre as sensações mostra que algo pode ser traduzido. A classe das dores é muito vasta mas alguém pode perceber o que outro quer dizer se ouvir o enunciado 'sinto-me como se tivesse uma dor de dentes'. Talvez a dor que nesse momento esteja em causa não seja exactamente uma dor de dentes; todavia, a aproximação é suficientemente boa para a comunicação humana. A melhoria na construção de enunciados deste tipo parece augurar o sucesso em substituir uma experiência determinada (a do cego de Molineux ou a do cego de Reid) por uma narração sem perda de informação. O que estivesse num prato da balança com uma experiência determinada estaria perfeitamente equilibrado com o que estaria no outro prato da balança com uma narração que substituisse a sensação perdida ou desse significado à sensação obtida de repente. Esta seria a tradução total de uma narração numa experiência e vice versa.

Reid não subscreve esta possibilidade. Algo pode ser transmitido ao cego sobre o que ele não é capaz de ver (situação normal de cegueira), ao cego que recupera a visão de repente (questão de Molineux a Locke), ou ao cego que perde as experiências do tacto e que as deseja recuperar. *Algo,*

mas não tudo. Estes três cegos podem ser informados mas não podem experienciar. A informação e a experiência não possuem para Reid o mesmo valor; não se podem converter uma na outra, isto é, são intraduzíveis. A benefício da precisão, a diferença parece não ser grande. Aliás, Reid inclina-se para a *quase* equivalência.

A experiência subjectiva ou o conteúdo fenoménico do conhecimento obtido pelo olho é o resíduo que parece intraduzível. É pequeno, é certo, mas é enigmático. Sem o detalhe do conteúdo fenoménico residual que não pode ser expresso em linguagem pública, a estrada do argumento de Reid está aberta à possibilidade de uma teoria que demonstre que a informação vinda do exterior pode esgotar o pequeno resíduo que parece teoricamente intratável nos qualia. Nesse cenário hipotético, a sensação consciente poderia ser completamente dissolvida em esquemas de tradução racional. O cego normal saberia *como é* ver, mesmo que nunca mais visse com os seus olhos; o cego de Molineux saberia que as novas aparências que experiencia significam um cubo mas não uma esfera, mesmo que não contactasse com as mãos esses objectos; o cego que perdeu o tacto e tudo o que estava relacionado com esse sentido perceberia o que é o veludo e o granito através de uma mera descrição, mesmo que não se deitasse no veludo e não se sentasse no granito. Reid não percorre a estrada da transparência completa do humano; algo parece resistir ao inquérito racional que desenvolve.

A sensação nova é inexplicável. As propriedades que a caracterizam são negativas: a originalidade, a simplicidade e a impossibilidade de ser explicada. O conteúdo fenoménico não pode ser expresso em sistemas de representação. O cego não saberia o que é ver, por muito que 'ver' lhe fosse explicado. O campo da experiência de conteúdos fenoménicos não pode ser apoucado pelo campo de sistemas de representação (narrações, descrições). Nenhum relato informativo, mesmo expresso numa hipotética língua mais perfeita do que as línguas naturais,² pode ocupar o lugar da experiência. Nenhuma narração é suficientemente boa para ser indistinguível da experiência.

A incomensurabilidade é composta em Reid: está presente entre mente e cérebro, mas também entre mentes. A conjectura é, pois, a de tomar a atenuação da incomensurabilidade entre mentes como parte da solução do

²Para maior detalhe na argumentação deste ponto, ver J. M. Curado, *O Mito da Tradução Automática* (Braga, Universidade do Minho, 2000).

problema da incomensurabilidade entre sensações conscientes e corpos físicos. Apesar do hiato vasto que aparta os indivíduos humanos, é um facto que conseguem comunicar entre si e que conseguem pôr-se de acordo para a realização de fins comuns. Reid acredita, pois, que algumas noções são compartilhadas por *todos* os povos e, mesmo, por alguns animais. Os sinais naturais (modulações da voz, gestos, fisionomia, movimentos, posturas do corpo ou, como afirma Reid, "linguagem dos olhos e dos traços") são elementos de continuidade que permitem a comunicação entre povos diferentes. A força da linguagem vem dos sinais naturais e não dos convencionais; estes significam mas não expressam. O que atenua e ultrapassa a incomensurabilidade entre as mentes não são os sinais convencionais, semelhantes em função aos caracteres algébricos, mas os naturais.

A aproximação que Reid faz dos qualia à teoria dos sinais procura mostrar que os primeiros desempenham um papel ou função na vida mental. São vários os indícios que mostram o papel funcional dos qualia. Porque possuímos a percepção de sápidos? Reid atribui um papel funcional ao órgão do gosto. O facto de os humanos possuírem gosto *tem como fim* a distinção entre a comida saudável e a prejudicial. Este ponto de vista era antigo e Locke já o havia formulado com elegância a respeito do conteúdo fenoménico de dor. A dor é a sensação subjectiva que parece ser melhor compreendida através de um ponto de vista funcional (*Ensaio*, II.7.4). Porém, a tentativa de interpretação funcional da sensação subjectiva de dor não suporta cenários contrafactuais. Locke não explica por que razão a mensagem de aviso do dano é constituída por um determinado conteúdo fenoménico, o conteúdo <dor>, e não pelo conteúdo <aviso sonoro sirene de bombeiros>. Muitos outros conteúdos fenoménicos seriam possíveis para desempenhar a função de aviso de dano. Aliás, são possíveis infinitos jogos combinatórios dentro da classe dos conteúdos fenoménicos de dor. Não parece existir uma lei da natureza que obrigue a que o conteúdo fenoménico <dor de dentes> esteja ligado para todo o sempre a uma situação estomatológica. Se o conteúdo fenoménico <a dor que se sente quando se bate com o cotovelo> estivesse associado aos dentes, é claro que a mesma função de evitar o dano seria satisfeita. Os contrafactuais dos conteúdos fenoménicos ficam, pois, sem resposta satisfatória de Locke.

O mesmo se passa com os contrafactuais do acesso à consciência. Se o centro de gravidade do corpo humano estiver numa posição que conduz

à queda do indivíduo, homem ou animal, o movimento do corpo para uma posição mais segura não precisa de ser consciente. É defensável que a respeito de situações de dor o mesmo sucedesse. O indivíduo poderia na ausência de consciência ter comportamentos que evitam a dor. A consciência parece, neste ponto de vista, um luxo acessório.

O que é e o que não é explicado através da posição de Reid? Fica claro com ela que a existência do órgão do gosto desempenha um papel na sobrevivência do indivíduo; possui, pois, uma função. Não é explicado, todavia, por que razão o gosto produz *exactamente* as sensações que reconhecemos como de gosto e não, por exemplo, as sensações de ponta de espada, as musicais ou a ideia de triângulo. Qualquer cenário alternativo de conteúdos fenoménicos seria plausível e Reid não deixa de o referir muitas vezes. Além disso, não é claro por que razão o gosto deverá conduzir a sensações *conscientes*. É uma observação banal reparar que durante a noite as pessoas não caem habitualmente da cama enquanto dormem. O ajustamento da posição do corpo às dimensões da cama é feito de um modo não consciente. É pertinente, por conseguinte, questionar o facto de o gosto se tornar consciente. Não cair da cama quando se dorme à noite e ajustar o centro de gravidade são comportamentos com elevado valor para a sobrevivência do indivíduo, valor eventualmente comparável à separação entre comida saudável e comida prejudicial.

Os conteúdos fenoménicos (são o que são), os contrafactuais dos conteúdos fenoménicos (poderiam ser outros) e o porquê da passagem à consciência mostram que o argumento de Reid está no bom caminho da análise funcional mas que ainda se encontra numa fase inicial de desenvolvimento. Se o problema fosse a função do próprio órgão do gosto, o exemplo da capacidade de separação entre saudável e prejudicial seria oportuno. Existem, porém, realidades acrescentadas ao órgão do gosto: o conteúdo fenoménico e o advento à consciência. Nenhuma delas é suficientemente explicada pelo exemplo da função discriminatória entre saudável e prejudicial. O contrafactual geral do gosto é plausível: é pensável a vida sem sensações conscientes de gosto.

O ponto de vista semiótico sobre os qualia possibilita a Reid contornar estas objecções imediatas à adopção de uma leitura funcional das propriedades secundárias. Assim, «uma tal variedade imensa de sensações de cheiro, gosto e som não nos foi certamente dada em vão. Elas são sinais através dos quais conhecemos e distinguimos as coisas fora de nós; e foi

adequado que a variedade de sinais devesse, em algum grau, corresponder à variedade de coisas significadas por eles» (IV.i.49). A estratégia de Reid é clara. Se sublinhasse apenas o problema da relação de um único conteúdo fenoménico com o órgão a que se liga de um modo enigmático, não seria possível avançar na análise dos qualia. Reid toma uma outra direcção. Os conteúdos fenoménicos são *muitos*. É verdade que poderiam ser diferentes, poderiam ser trocados, poderiam estar invertidos nos indivíduos sem que esse facto fosse descoberto. Todavia, há um facto incontornável % a variedade. O facto de serem *muitos* e o facto de serem *diferentes* são importantes para o argumento. Como?

Reid utiliza a variedade dos conteúdos fenoménicos tal como um linguista confrontado com uma escrita não decifrada utiliza os sinais da mesma. Supõe que a diversidade é uma propriedade relevante para o problema da decifração. Para além da variedade, os sinais possuem uma estrutura com propriedades isomórficas à estrutura das propriedades secundárias. O elo forte que a crença nos objectos exteriores estabelece entre os qualia e o mundo, bem como a aparente maior importância da intencionalidade e da referência quando comparadas com a ligação dos qualia à mente e à autoconsciência, são indícios de como as propriedades secundárias desempenham um papel sgnico em relação aos objectos. O sinal aponta para o objecto e o seu significado não reside na materialidade que o constitui porque a mesma materialidade pode veicular diferentes significados. É a dinâmica interna desta arquitectura que Reid procura aproveitar na análise dos qualia.

A força que conduz a atenção do sinal para a coisa significada não é susceptível de demonstração lógica. A conexão não é lógica ou resultado de raciocínio nem deriva da acumulação de experiências prévias. Os qualia possuem uma estrutura semelhante à dos sinais. A conexão entre as sensações conscientes e as realidades exteriores não é fruto de hábito, experiência ou educação, mas um efeito da nossa constituição, um princípio original da natureza humana. O que afirma, pois, sobre a conexão — um princípio natural — indica o assunto mas não o desenvolve. A conexão não permite também uma leitura causal. A necessidade nas relações causais é apoucada pela adopção do ponto de vista semiótico, em que uma causa indica o efeito ou um efeito indica uma causa.

A teoria semiótica das propriedades secundárias explica a questão de Molineux. O indivíduo nessa situação teria a aparência ou conteúdo, mas não o significado, a coisa tornada objecto externo que um ser humano dotado desde o nascimento com esse sentido habitualmente possui. Na visão normal de um indivíduo, a figura visível é um sinal da figura real. Para um cego não existe a figura visível e a noção que constrói do que poderá ser a figura real é feita através do raciocínio; a figura assim construída é “uma criatura da sua própria razão e imaginação” (VI.vii.98). O caso de um cego que volta a ver possui características do indivíduo dotado de visão normal e do cego. Possui as aparências do primeiro mas não consegue associá-las com objectos exteriores, já através de conexão sígnica, já através de raciocínio.

O que se passa com o cego que volta a ver? Os seus olhos mostram-lhe as mesmas aparências que as pessoas não cegas recebem através dos olhos. Contudo, para ele essas aparências são uma linguagem desconhecida e, por conseguinte, pode apenas prestar atenção a sinais e não ao que esses sinais significam. Os qualia são interpretados por Reid como uma linguagem visual ou como a linguagem com que a natureza se dirige ao homem (VI.xx.171). Para reforçar o paralelo dos qualia com os sinais, Reid chega a atribuir aos primeiros uma das características mais negativas (se bem que conspícua) da linguagem % a ambiguidade. O cego que recupera a visão tem o problema de não possuir a chave de leitura dos sinais com que entretanto contactou e de não conseguir, por isso, ultrapassar o obstáculo da ambiguidade.

O ponto que Reid procura conseguir pelo recurso a uma situação anómala é o de enfatizar a importância do trabalho semiótico das aparências. A ausência da conexão com o objecto exterior transforma em caricatura a percepção humana. Se a aparência não indicar para além de si mesma, não terá significado. Uma descrição exaustiva do que se passa na mente do indivíduo parece não ser suficiente para representar os conteúdos mentais. O ambiente que envolve o indivíduo é determinante. A estrutura semiótica que Reid identifica é o argumento principal que permite compreender essa limitação.